



ANTÓNIO REBELO  
MARGARIDA MIRANDA  
(COORDS.)

O MUNDO CLÁSSICO E  
A UNIVERSALIDADE DOS  
SEUS VALORES

HOMENAGEM A NAIR DE NAZARÉ CASTRO SOARES

VOLUME II

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

ANTÓNIO REBELO  
MARGARIDA MIRANDA  
(COORDS.)

# O MUNDO CLÁSSICO E A UNIVERSALIDADE DOS SEUS VALORES

HOMENAGEM A NAIR DE NAZARÉ CASTRO SOARES

VOLUME II

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

SÉRIE HUMANITAS SUPPLEMENTUM  
ESTUDOS MONOGRÁFICOS

TÍTULO TITLE

O MUNDO CLÁSSICO E A UNIVERSALIDADE DOS SEUS VALORES

COORDENADORES EDITORS

António Rebelo  
Margarida Miranda

Assistentes Editoriais Editorial Assistants

Daniela Pereira  
Leonor Lima  
Teresa Nunes

EDITORES PUBLISHERS

Imprensa da Universidade de Coimbra  
Coimbra University Press

[www.uc.pt/imprensa\\_uc](http://www.uc.pt/imprensa_uc)

Contacto Contact

[imprensa@uc.pt](mailto:imprensa@uc.pt)

Vendas online Online Sales

<http://livrariadaimprensa.uc.pt>

Coordenação Editorial Editorial Coordination

Imprensa da Universidade de Coimbra

Conceção Gráfica Graphics

Rodolfo Lopes, Nelson Ferreira

Infografia Infographics

Jorge Neves

Impressão e Acabamento Printed by

KDP

ISBN

978-989-26-2033-6

ISBN Digital

978-989-26-2034-3

DOI

<https://doi.org/10.14195/978-989-26-2034-3>

CAPA COVER

Raffaello, sibille e angeli

Public domain via Wikimedia Commons



Projeto UID/ELT/00196/2019 - Centro de Estudos  
Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra

© Novembro 2020

Imprensa da Universidade de Coimbra  
Classica Digitalia Vniversitatis Conimbrigensis  
<http://classicadigitalia.uc.pt>  
Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos  
da Universidade de Coimbra

# A HERANÇA CLÁSSICA NO ROMANTISMO: ALGUNS VESTÍGIOS DA LITERATURA DE SENTENÇAS E EMBLEMAS EM TEXTOS CAMILIANOS

MARIA JOSÉ FERREIRA LOPES

Univ. Católica Portuguesa, CEFH, FFCS

ORCID: 0000-0003-2463-4166

## UM ROMANTISMO CLÁSSICO

– Ainda fazes romances? – perguntou-me o meu amigo.

– Ainda... *Sedet aeternusque sedebit,*

*Infelix* .....

Faço romances, e expio os pecados de meus avós, neste incessante rodar do penedo ao alto do monte, e resvalar com ele ao fundo<sup>1</sup>.

Esta grandiloquente resposta do narrador/Camilo Castelo Branco, ancorada numa citação virgiliana que o define como desgraçado (*infelix*), exemplifica a forma como a herança clássica é integrada na sua escrita eminentemente romântica. Se a citação de Virgílio rodeia Camilo de uma aura épica, as alusões a Teseu<sup>2</sup> e Sísifo elevam-no ao nível dos heróis trágicos, reforçando assim a reivindicação de que a sua vida era um inferno. Contudo, a riquíssima gesta destas figuras míticas – cujo conhecimento é obviamente partilhado pelo seu interlocutor e co-narrador António Joaquim – permite a Camilo uma profundidade simbólica ainda maior: como o herói de Atenas, sentado vivo nos Infernos devido ao temerário almejar por uma mulher proibida, o escritor está preso às consequências de um amor inconveniente; mas está também agrilhado à mesa da escrita<sup>3</sup>, suplício que a crescente escuridão nos seus olhos doentes acentuava,

---

<sup>1</sup> Camilo Castelo Branco, *Vinte horas de liteira*, 15.

<sup>2</sup> Na citação (*Eneida*, 6, 617-618) não foi nomeado o sujeito – *sedet aeternumque sedebit/infelix Theseus*. –, procedimento mantido na referência subsequente ao suplício de Sísifo. Maria Helena da Rocha Pereira sugere que “a supressão do nome de Teseu tenha tido a intenção de evocar apenas a enumeração dos supliciados do Tártaro virgiliano.” (1991: 130).

<sup>3</sup> António Joaquim tem dificuldades em acreditar que tudo o que circula com o nome de Camilo foi realmente escrito por ele, mas é logo desenganado: “Pois sou materialmente essa desgraçada máquina que escreveu tudo, todo esse lastro da nau das letras nacionais, que anda à matroca.” (*Vinte horas de liteira*, 27).

afastando-o da luz e encarcerando-o em casa<sup>4</sup>; como o sumamente manhoso e cruel Sísifo, castigado ainda em vida por desrespeitar mortais e imortais e revelar verdades também inconvenientes, Camilo expia sem tréguas pecados antigos, dos parentes e seus, pois dedica-se incansavelmente a quebrar as conveniências. Ao confirmar a sua perseverança no ofício romanesco, associando o conceito trágico da expiação da *hybris* ao conceito romântico do homem fatalmente marcado pela desgraça, o “torturado de Ceide” aporta a esta nova perspectiva uma *auctoritas* e uma riqueza simbólica milenares e incomparáveis. Teseu e Sísifo assumem-se, portanto, como *exempla* que ilustram a profunda interação entre a vida do escritor e a sua obra, típica do seu “projecto romântico”<sup>5</sup>, e evidenciam a insalubridade do ofício da escrita<sup>6</sup>: “Deixa-te desse modo vivente, se não aspiras à mumificação”<sup>7</sup>, riposta António Joaquim, fazendo outra breve alusão “mortal”.

O contexto da citação virgiliana torna esta fusão entre clássico e ultrarromântico ainda mais pertinente. Com efeito, assinala o início da desconfortável mas recreativa jornada das *Vinte horas de liteira* (1864), de Vila Real ao Porto, ao longo da qual Camilo encena, com o recorrente “amigo”, e espécie de alter-ego, António Joaquim<sup>8</sup>, um acutilante debate teórico-prático sobre o romance, que torna esta obra um “caso excepcional de autocritica” e auto-ironia<sup>9</sup>. Neste processo, o mundo clássico é um recurso fundamental, e se o tom trágico do diálogo inicial parece corresponder ao dos versos, logo se percebe que há também uma intenção paródica. Por exemplo, no “Epílogo”, António Joaquim recorre a um excerto particularmente patético para ilustrar a dor da perda da sua égua salvadora: *infandum, regina, iubes renouare dolorem*.<sup>10</sup> Algumas vezes, como se

---

<sup>4</sup> A escuridão crescente também influencia o tom da escrita, tornando-o mais triste: “Basta dizer-te que escrevo sempre à luz do crepúsculo. Os meus olhos não comportam outra luz. Quando os dias estão lucidíssimos do brilhantismo do sol, eu tomo do favor de Deus a frouxa claridade de um raio coado por transparentes negros. O meu gabinete de trabalho, durante os meses esplêndidos do ano, é um continuado começo de noite. [...] Eu afiz-me a ver uma quase noite no mundo exterior: o meu mundo subjectivo está povoado de imaginações escuras.” (*Vinte horas de liteira*, 1).

<sup>5</sup> Buescu 1990: 19.

<sup>6</sup> Como aponta Maria Helena da Rocha Pereira, Camilo singulariza “no «rodar do penedo» o incessante e nunca completo labor da tarefa de escrever.” (1991: 130).

<sup>7</sup> *Vinte horas de liteira*, 15.

<sup>8</sup> Camilo anuncia na introdução que a viagem decorrera em 1859, mas a publicação, no prolífico ano de 1864, coincide já com a amarga existência em Ceide. António Joaquim é uma figura que acompanha Camilo em diversas obras, nomeadamente em vários dos *Doze casamentos felizes*.

<sup>9</sup> Coelho 1982-1983: 2, 93.

<sup>10</sup> *Vinte horas de liteira*, 180. Trata-se de *Eneida*, 2, 3, o momento em que Eneias é levado pela rainha Dido e relatar, e portanto reviver dolorosamente, a terrível noite da queda de Troia, em que ele perdeu a esposa. De novo, a citação é retirada do contexto: *Conticuere omnes intenteque ora tenebant;/ inde toro pater Aeneas sic orsus ab alto:/ infandum, regina, iubes renouare dolorem*.



verá, a epopeia camonianiana aparece como fonte de referências mitológicas, naturalmente mais acessível a todos os leitores.

Nesta pequena exemplificação da receção greco-latina na obra camiliana, o ponto de partida é precisamente *Vinte horas de liteira*, onde se destaca o capítulo XIV e décima segunda história – “Os percevejos de Baltar”<sup>11</sup> –, tributo ao confessado gosto de António Joaquim pela literatura de terror<sup>12</sup>, e em simultâneo epítome e clímax quantitativo e qualitativo do recurso paródico aos hipotextos clássico e romanesco em prol da ironia romântica.

#### VITELA E PERCEVEJOS: DE JÚPITER AOS ATRIDAS

A paragem na imunda pensão de Baltar, terra afamada pela sua vitela, detona uma série de alusões satíricas às nada edificantes aventuras de Júpiter – abusos sexuais *de iure* e *de facto* – que envolveram bovinos, nomeadamente o rapto de Europa; além de associar os empregados, belos mas sujos, à figura de outro raptado, Ganimedes. António Joaquim, algo sadicamente mas com implícita ironia face à camiliana “verdade do vivido”, manipula o seu amigo escritor para o fazer reviver a terrível experiência sofrida alguns anos antes por um casal que só mais tarde se revelará ser ele próprio e a esposa. Começa por apresentar-lha com uma frase dramática – “Dois cadáveres saíram dali...” – o que sugere de imediato um Camilo conhecedor dos *clichés* da literatura de “terror grosso” e o leva a identificar o hipotexto da paródia – o romance *Les deux cadavres*, de Frédéric Soulié. Segue-se uma nova alusão mitológica, através de versos de Camões<sup>13</sup>:

Concluída a ceia, à luz de caverna, que bruxuleava, como devia de ser.

..... na seva mesa de Tiestes,  
Quando os filhos por mão de Atreu comia.<sup>14</sup>

Os sanguinários descendentes de Tântalo<sup>15</sup> afiguram-se, portanto, ideais para assessorar a criação do ambiente tétrico do romance oitocentista. António

---

<sup>11</sup> Este conto, situado depois da única história assumida por Camilo, é antecedido por mais referências clássicas permeadas de ironia. António Joaquim faz menção de lhe pagar essa história – pois era profissional da escrita –, mas é prontamente recusado, com a alusão ao “desprendimento do filósofo que rejeitou os tesouros de Xerxes” e às declamações públicas de Homero, coroado de flores: “os poetas e romancistas, se não pudessem viver repletos e entouridos das suas fantasias, haviam de ir às praças, à imitação de Homero, narrar os seus poemas e romances às multidões, que, em paga, lhes enramariam as frentes de acácias e cilindras.”, diz Camilo, com irónico e clássico desprendimento. (*Vinte horas de liteira*, 146).

<sup>12</sup> *Vinte horas de liteira*, 18.

<sup>13</sup> *Os Lusíadas*, 3. 135-136.

<sup>14</sup> *Vinte horas de liteira*, 147.

<sup>15</sup> Esta figura é mencionada noutra passagem das *Vinte horas de liteira* (90), embora a propósito de um homem exemplar na sua humildade, caridade cristã e capacidade infinita de

Joaquim, ator do seu próprio drama<sup>16</sup>, leva um Camilo dominado pelo *suspense* a assumir-se como herói: decide reproduzir o alegado evento fatal, experimentando literalmente na pele a verdade romanesca, afinal apenas simbólica, pois, ironicamente, o “garboso cavaleiro” e a “aérea dama” – isto é, António Joaquim e a sua jovem esposa – tinham “morrido” somente através do sangue perdido nas fauces dos percevejos. Os efeitos das picadas das hordas de parasitas são pretexto para mais alusões clássicas: “renasciam umas de outras, como tantas hidras de Lerna”, e deixaram Camilo desesperado a chorar “à laia de Mário nas lagoas de Minturnes.”<sup>17</sup> Aos leitores mais cultos não escaparia a semelhança, *mutatis mutandis*, com a perseguição do moscardo a Io, ou com as lutas míticas contra escorpiões; além do papel dos animais em paródias como a *Batracomiomaquia* ou nas aceradas comédias de Aristófanes.

Esta tendência para misturar a solenidade das citações e alusões clássicas com “facécias mascavadas e inocentes”<sup>18</sup> é indissociável também, no caso das *Vinte horas de liteira*, de um certo exibicionismo competitivo entre os interlocutores, que aprofunda a comicidade do texto<sup>19</sup>. É significativo aliás o facto de as referências greco-latinas se localizarem maioritariamente nos capítulos em que os dois interlocutores dialogam e, portanto, usam mais de ironia e análise metaficcional.

#### VIRGÍLIO COMO LUGAR-COMUM

Como os exemplos de *Vinte horas de liteira* fazem suspeitar, Virgílio parece ser o autor clássico mais ubíquo na obra camiliana, apesar da importância de outros, como Cícero, Ovídio ou Horácio. Tal frequência está enraizada no seu protagonismo no currículo escolar de finais do século XVIII e inícios do XIX,

---

perdão, exatamente a antítese do monstruoso pai de Pélops: “Assim que o cunhado se colocou a distância de o não censurar, despiu o casaco opressor que lhe entalava as espáduas, e botou-se ao arado, como o faria Tântalo, se o deixassem, por fim, beber do rio e comer das frutas do seu suplício.” Aparentemente, as qualidades da personagem deram a Tântalo uma possibilidade de regeneração, apesar da eventual ironia das espáduas...

<sup>16</sup> *Vinte horas de liteira*, 147.

<sup>17</sup> *Vinte horas de liteira*, 150-151.

<sup>18</sup> *Vinte horas de liteira*, 180.

<sup>19</sup> As alusões multiplicam-se ao longo da obra, abrangendo figuras mitológicas e históricas, locais (Rio Páctolo, Orco) e autores. A importância da herança clássica na construção da ironia é bem exemplificada pela referência a Plutarco a propósito do papel da comida no desenvolvimento do pensamento criativo: “Respondi com a empáfia filosófica de um dos sete sábios da Grécia, com o abdómen bem arredondado das comezainas historiadas por Plutarco nos seus Tratados de Moral. (Observação entre parêntesis: os sábios da Grécia discutiam os fundos mistérios da natureza com o estômago repleto. A preocupação medicinal de nos abstermos de trabalhos de espírito, por espaço de três horas depois de jantar, faz que já se não criem sábios do chorume e polpa dos gregos.” (*Vinte horas de liteira*, 161).

sobretudo para quem estudava para padre ou jurista, patenteada aliás em vários trechos camilianos. Assim, a José Macário

saíam-lhe as palavras penteadas, correctas, e às vezes rendilhadas de locuções de Virgílio com que ele lidara cinco anos em Braga, quando fingia ordenar-se de clérigo.<sup>20</sup>

E a muito jovem Marta de Prazins era alvo das atenções incómodas dos alunos de latim do padre-mestre Roque:

rapazolas vermelhaços, refeitos, grandes parvajolas, com grandes nacos de boroa nas algibeiras das véstias de saragoça de varas, e os velhos Virgílios enebados em saquitos de estopa suja, diziam graçolas a Marta – chamavam-lhe boa pequena, franga e peixão.<sup>21</sup>

Apesar da recorrência das citações virgilianas, inclusivamente como epígrafes de capítulos “sérios”<sup>22</sup>, fica-se com a impressão de que Camilo – do mesmo modo que com os outros autores já mencionados – manejava uma lista reduzida de expressões ou frases, repetidas em obras sucessivas, por vezes de forma elíptica. Aliás, o narrador/autor mostra até como essas palavras “canónicas” podiam brotar da memória. Por exemplo, em *A filha do Doutor Negro*,

António da Silveira, a poder lembrar-se de alguma coisa naquele momento, devia de ser do verso do seu Virgílio: *Obstupui, steteruntque comas et vox faucibus hoesit.* (*Eneida*, 3, 40), que o Barreto Feio traduz:

Pasmei, arripiou-se-me o cabelo,  
E nas jantes a voz me ficou presa.”<sup>23</sup>

Este piscar de olho ao acervo latino do leitor é mais “interativo” em *Onde está a felicidade?*, onde se mistura com alusões bíblicas:

Alguns que devem aos vinhos secos o sexto sentido da poética sensibilidade, têm os olhos aguados: vê-se que Virgílio não mentira quando disse: *sunt lacrimae rerum*, posto que eu emendaria: *sunt lacrimae vini*. – Lágrimas de cálida saudade me cairiam da face sobre o fuste dalguma coluna de Nínive.<sup>24</sup>

---

<sup>20</sup> Eusébio Macário, 101.

<sup>21</sup> *A Brasileira de Prazins*, 17.

<sup>22</sup> Por exemplo, em *O carrasco de Vítor Hugo José Alves*, o capítulo “O coração de D. Rosenda” (57) é encabeçado por uma citação, seguida da identificação e tradução respectiva: “*Agnosco veteris vestigia flammae*. Cá sinto inda o calor da antiga brasa. VIRGÍLIO, *Eneida*, liv. IV, v. 23.”

<sup>23</sup> *A filha do Doutor Negro*, 31.

<sup>24</sup> *Onde está a felicidade?*, 130.



Em alguns casos, a citação é um verdadeiro lugar-comum, tornado símbolo reconhecido por todos – uma “vulgaridade”, como o próprio Camilo assume a propósito de uma citação repetida de Cícero que aparecerá mais abaixo. Veja-se, a título exemplificativo, *sub tegmine fagi*, sintomaticamente o inescapável primeiro verso da primeira das *Bucólicas*. Em *A filha do Doutor Negro*:

António lia indolentemente o seu Horácio *procul a negotiis*, ou o seu Virgílio, *sub tegmine*, como o pegureiro Títilo, enquanto o solo pátrio estremecia batido pelo tropel das hordas conquistadoras.<sup>25</sup>

Em *O que fazem as mulheres*, a par da habitual profusão anatómica – outro lugar-comum com que Camilo não deixava esquecer a sua passagem pela Escola Médico-Cirúrgica do Porto:

– Graças a Deus, não, meu poeta. Trago tecidos, membranas, válvulas, ventrículos, veias, artérias, nervos, sangue, etc. O meu coração está funcionando com a mais fisiológica das regularidades. Respiro desafogadamente, e completo a digestão duns suculentos pedaços de boi, que triturei *sub tegmine fagi*.<sup>26</sup>

Nas *Novelas do Minho* – “Gracejos que matam” –, apresenta-se através de um sacerdote vivido, citador virgiliano inveterado:

O abade de Santa Eulália, passante da meia-idade, pagão em literatura, mestre de Latim no seu concelho de Cabeceiras. Citava Virgílio a propósito. Quando alguém se dizia regalado com a frescura do salgueiral, declamava um trecho das *Églogas* em que havia *salices*. Ao sentar-se na corcova do tronco retorcido de um amieiro, exclamava sempre, sibilando as delícias do meio-grosso: *sub tegmine*.

#### CITAÇÕES SENTENCIOSAS: UM CICERONIANO IRREPRIMÍVEL

Em alguns casos, Camilo utilizou citações latinas num claro contexto gnómico. Segue assim uma tendência vetusta da cultura portuguesa, a que o seu notório “amor aos livros antigos”<sup>27</sup> o expôs desde cedo: o gosto por frases latinas “caracterizadas por uma perfeita articulação linguística e literária e por uma estrutura conceptual de ressonâncias éticas”<sup>28</sup>. Contudo, põe-nas também à mercê da sua pena satírica. O exemplo mais conspícuo é Januário Costa e Silva,

<sup>25</sup> *A filha do Doutor Negro*, 18.

<sup>26</sup> *O que fazem as mulheres*, 127.

<sup>27</sup> *A Brasileira de Prazins*, 7.

<sup>28</sup> Soares 1991-1992: 378.

personagem de *A filha do Doutor Negro*<sup>29</sup> – obra publicada no mesmo ano que as *Vinte horas de liteira* –, membro do grupo de amigos do competente mas explosivo jurista, pai de Albertina. Professor de retórica bracarense, viciado em sentenças ciceronianas, Januário assume ostensiva e obsessivamente o uso gnómico. Afigura-se, assim, o recurso ideal para Camilo satirizar os que, por pedantismo incontrolável, insistem em ericar as suas frases de citações, tornando-se irritantes e, por isso, contraproducentes. Esta desvalorização é ainda acentuada pela hipocrisia da personagem: embora ele próprio tivesse sido um jovem pobre que conseguira, graças à arte da palavra, casar com uma mulher rica, afastou sem contemplações os namorados das filhas pagando-lhes uma percentagem retirada do dote delas; e propôs-se fazer o mesmo com o desafortunado João Crisóstomo, preso na Cadeia da Relação do Porto devido à implacável perseguição do Doutor Negro.

Acolhida a sua proposta, Januário visita o amado de Albertina e de imediato invoca Cícero, numa espécie de *captatio benevolentiae* desprovida de qualquer noção do ridículo:

O sr. João sabe latim? [...] O latim é a língua de Cícero, e Cícero é o meu homem. Eu queria ser Cícero, palavra de honra, com a condição mesmamente de perder a cabeça. O sr. João, sabe o seu bocado de História... Há-de estar certo da passagem em que o preclaro orador foi degolado...<sup>30</sup>

Em sequência, Januário cita, identifica e traduz excertos de *De Officiis*, *Post redditum in Senatu*, *Pro Cluentio*, *De finibus Bonorum et Malorum*, elenco que por si só revela conhecimento de obras menos famosas do Arpinate. Como salienta o narrador, o professor bracarense sente-se absolutamente “enlevado da própria música do seu dizer”<sup>31</sup> ciceroniano, mesmo a despropósito, o que ocasionará mais tarde um confronto gradativo e antológico com o pavio curto do Doutor – contexto da irónica classificação das citações mais usuais como “vulgaridades”<sup>32</sup>:

---

<sup>29</sup> Sobre as numerosas e variadas marcas da herança clássica nesta obra, veja-se Pereira 1991: 127-129.

<sup>30</sup> *A filha do Doutor Negro*, 76.

<sup>31</sup> *A filha do Doutor Negro*, 77.

<sup>32</sup> Na realidade, nem o Doutor escapa ao fascínio do latim, nomeadamente ao dos lapidares versos de Virgílio, pois, no entusiasmo de um processo que lhe permitirá arrasar a reputação do seu já desgraçado genro, exclama “*Latet anguis in herba!*” (*Bucólicas*, 3, 9), para depois ripostar aos pedidos de prudência de António da Silveira: “– Nem Homero, nem Virgílio, nem mesmo os poetas bíblicos nos contam casos de anónimos tão levantados ao céu pela alçaprema da filantropia. Como quer achar o senhor monstros de virtude neste século gangrenado de egoísmo e abjecção!?” (*A filha do Doutor Negro*, 188).

Francisco Simões, recolhido a casa, chamou a si os amigos mais valiosos, e pediu que o vingassem. O retórico apareceu sem ser chamado, e começou pela vulgaridade de Cícero *Amicus certus*, etc.

Franziu o doutor a testa, e disse:

– Sr. Silva, a sua erudição, vem fora de tempo. Deixe-me escutar os amigos que servem. Esta enfermidade de espírito há-de aniquilar-me!

– *Morbi perniciosiores...* murmurou o sr. Januário, e conteve-se de repelão.

O doutor dera uma upa na cadeira, e o latinista jurou consigo de não falar mais, ainda que o Cícero lhe caísse a talho.

O doutor Alpedrinha continuou:

– Que me dizem, meus amigos? Como hei-de haver à mão os infames? Falem por quem são!

O mais graduado opinou:

– Incumbe primeiro saber onde param.

– Na Espanha – acudiu outro.

– Quem o sabe? – disse o doutor.

– Eu, de uma carta, que recebi de Valença hoje mesmo. Sua filha e o tal meliante saltaram em Tui às cinco horas da manhã do dia 15 do corrente.

– Ordens para Espanha, ordens de prisão! – clamou o doutor Negro, com aplauso de três amigos parvos.

– Pois sim – volveu o mais cordato –; mas investiguemos primeiro se tais ordens são aprovadas pela sã razão.

O retórico rasgou a mordança, e disse:

– *Non debemus quicquam agere, cujus non possimus causam probabilem redere.*

– É de mais, sr. Costa Silva! – bradou o doutor. – Eu vejo-me obrigado a mandá-lo calar!

Apesar da sua hipocrisia, Januário, tal como o idolatrado Arpinate, mostrou-se corajoso: não fugiu à luta final e lançou à cara do enraivecido Doutor a verdade que os outros não conseguiam dizer.

– O sr. Francisco Simões de Alpedrinha, no auge da sua dor – respondeu placidamente o erudito –, ofende um amigo que lhe perdoa de bom ânimo. Não fui chamado; mas vim. Agora vou-me, como cumpre; mas falarei, embora pouco, substancialmente há-de ser. Chegadas as coisas ao ponto em que as vejo, sr. doutor, o meu parecer é que deixe os fugitivos ao seu destino. Prendê-los em Espanha parece-me incurial, ilegal e inexequível por arbítrio das justiças. A sua vingança, se ela é justa, o tempo lha trará, que *nihil est quod...* perdão, que as minhas citações estomagam o meu amigo, cujo ódio a Cícero é ainda uma enfermidade de sua alma. Lamento as desventuras de um pai extremoso e tão mal correspondido; mas não o aconselho a solicitar uma vingança que afinal lhe há-de gastar as forças, e abrir-lhe a sepultura. A morte ela virá, amigo e sr. doutor, e com ela o termo de todos os ódios. *Omnium rerum mors est extremum.* É o que se me oferece dizer.

Dito isto, Januário tomou o chapéu, e saiu.

Mas até neste momento grave a obsessão retórica sobrepujou a emoção:

Ao descer as escadas, murmurou:

– *Optima suadere quam difficile est!*

Chegando ao pátio, parou, e monologou:

– *Optima suadere!*... isto não me soa a Cícero. Deve ser de Demóstenes.

Hei-de ver a sentença em grego. Seria um desdouro citar Demóstenes em latim!<sup>33</sup>

Camilo volta à questão do excesso de latim gnómico em boca farisaica quando, no final da obra, noticia a morte do homem – oportunidade para criticar a “seca” do latim, mas também para exhibir mais algumas frases da sua lista de citações, o que revela alguma ambiguidade:

Muito mais pacificamente morreu aquele Januário que citava Cícero, e ensinava originalmente as filhas desobedientes em matéria de amor. Morreu como pagão, citando o orador romano. As suas últimas palavras foram: *Moriendum est omnibus, atque finis miseriae in morte*. E calou-se para sempre este secante latino, que até na casa de jantar mandara escrever estas duas máximas de Cícero: *Esse oportet ut vivas, vivere non ut edas*. «Come para viver, e não vivas para comer.» Defronte mandou escrever estouta: *Cibi condimentum est fames*. «A melhor mostarda é a fome».

E assim à proporção, uma sentença alusiva a todos os atos da humanidade! Morreu um sábio, que seria um justo, se não fosse um velhaco. Deus lhe perdoe, que o leitor decerto lhe não perdoa o muito latim que vai neste romance à conta dele.<sup>34</sup>

#### VESTÍGIOS DA LITERATURA DE EMBLEMAS: “O TIO EGRESSO E O SOBRINHO BACHAREL”

Os excessos do “amante de Cícero”<sup>35</sup>, compreensíveis no contexto cultural dos inícios do século XIX, encontram um paralelo bem mais surpreendente num outro texto publicado por Camilo em 1863, embora datado de 1849: o pequeno esboço de cena de romance intitulado “O tio egresso e o sobrinho bacharel”, cujo título evoca as profundas e violentas dissensões ideológicas que marcaram a década de quarenta. Ansioso por afastar “fósseis” como o seu tio, o jovem bacharel acaba a reivindicar para a sua emotiva geração romântica a posse da

<sup>33</sup> *A filha do Doutor Negro*, 155-158.

<sup>34</sup> *A filha do Doutor Negro*, 310-311.

<sup>35</sup> *A filha do Doutor Negro*, 77.

herança greco-latina, incluindo o latim da Bíblia e até os tão execrados compêndios “fradescos” de gramática que tinham atormentado gerações de estudantes. Para demonstrar a superioridade dos jovens face aos velhos e, de caminho, o seu superior domínio da latinidade, o bacharel prodigaliza, como argumentos de autoridade, uma enxurrada de *exempla* e citações de sentenças latinas pagãs e cristãs, admitidas como “bons exemplares” pelo tio. Evoca desta forma as coletâneas medievais dedicadas à educação dos príncipes – simbolizadas por tratados como o *De Casibus Virorum Illustrium* de Boccaccio –, mas também as suas adaptações renascentistas e barrocas, enquadradas tematicamente com emblemas. Por exemplo<sup>36</sup>:

TIO: Necedade pueril!... Vamos à Bíblia... Dá-me conta dos anciãos corrigidos pelos rapazes.

SOBRINHO: Aí vou. Daniel, o profeta, contava doze anos de idade, quando repreendeu Sedécias e Acab, dois anciãos que espreitavam.., direi só espreitavam, Susana no banho. Isto é assim, meu tio?

TIO: Vamos adiante.

SOBRINHO: Deus disse a Jeremias, aos dezasseis anos de idade, que pregasse a moral aos velhos. *Puer ego sum*, disse Jeremias: «sou muito rapaz». Os anciãos no reino de Judá eram para mais de cinco mil, e o eleito para morigeração dos velhos foi o mancebo. Salomão tinha doze anos, quando julgou entre as duas mulheres, que se disputavam o filho. Sou eu que minto ou a Bíblia?...

TIO: A Bíblia tem variadas interpretações.

SOBRINHO: E a história? Valério Corvino foi cônsul aos vinte anos; Pompeu, aos dezanove, capitaneou três legiões. As cãs o mais que indicam é velhice. *Cani indices aetatis, non prudentiae*: isto é de Cícero. Nós, os rapazes, lemos Cícero. Nada há aí mais torpe que um velho fazendo alarde de muitos

---

<sup>36</sup> A discussão sobre a perigosidade das mulheres, que conclui o pequeno trecho, é também um autêntico desfile de nomes de personagens históricas e bíblicas, brandidos pelos dois lados como *exempla*: “TIO: Helena cavou a sepultura da juventude grega. Betsabeia infernou os dias de David. Judite degolou um general; por causa de Dina morre o príncipe de Siquém. Tamar mata Ámon num festim. Laodiceia matou Antíoco. Lucila envenena e mata o marido. Fredagunda mata Quilpérico. Aníbal, vencido das mulheres, degrada-se. Aqui está o ídolo a que se abate o génio soberbo destes heroizinhos de babeiro!”; “SOBRINHO: [...] Quem se humilhava era Hércules, que fiava na roca de Ônfale. Era Aquiles, que vestia saia para se acocorar entre mulheres. Era Sardanapalo que usava touca. Era Sansão, mestre de esgrimir queixada de burro. Era Herodes, que, a pedido de Herodiade, decapitava o Baptista. Era Nino, que, por ordem de Semíramis, morreu a rir-se.” (“O tio egresso e o sobrinho bacharel”, 59-60).



anos como prova de sua muita vida. *Nihil turpius est quam grandis natu senex, qui nullum aliud habet argumentum quo se probet diu vixisse propter aetatem.* Isto é de Séneca. Nós, os rapazes, lemos Séneca. Era já balda de Caifás, dar vaias aos moços: *Vos nescitis quidquam.* «Não sabeis patavina.» O farisaísmo moderno, como não encontra Cristo que sentenciar, arvora cruz ao génio, e crucifica-o porque não sabe latim.<sup>37</sup>

Contudo, a proficiência aparente do jovem bacharel inclui informações inexistentes na Bíblia e incorreções históricas, além de imprecisões na autoria, contexto e conteúdo das frases sentenciosas, interpretadas *ad hoc* na maioria dos casos. Estas contradições ao princípio do respeito das fontes são acompanhadas por algo ainda mais grave: a vassalagem ao latim fradesco implícita no recurso a colectaneas de sentenças e *exempla* de origem eclesiástica. Com efeito, a sequência dos *exempla* e citações bíblicas e romanas corresponde a excertos de um livro famoso de finais do século XVII, que poderia ter sido encontrado numa das numerosas bibliotecas conventuais dispersas pela abolição das ordens religiosas: *El Sabio Instruido de la Naturaleza en Quarenta Maximas Politicas, y Morales. Ilustradas con todo genero de erudicion Sacra, y Humana*, da autoria do espanhol Francisco Garay, ou Garau (1640-1701), editado pela primeira vez em 1675. Pior ainda: Garay era jesuíta e membro proeminente da execrada Inquisição espanhola, envolvido em autos de fé notórios nas Baleares<sup>38</sup>. Seguindo os preceitos da *Ratio studiorum*, os pedagogos jesuítas aproveitaram a moda dos livros de emblemas, lançada por Alciato em inícios do século XVI<sup>39</sup>, tendência que foi aos poucos perdendo a vertente pictórica e assumindo a proximidade aos livros de casos e sentenças tão populares em finais da idade Média.

O bacharel escolheu apenas alguns dos materiais agrupados por Francisco Garay no capítulo “Ficción V”, “Maxima V”, que desenvolve a máxima, ou emblema, “Toda edad es capaz de la virtud”; mas não o acompanhou no cuidado de citação e identificação das fontes, exemplificado em sequência:

*A los veinte años mereció el consulado Valerio Corvino. Con menos gobierno Scipion Africano los exercitos, y a pocos mas tres legiones suas Pompeyo. Quanto más viejo Daniel en solos doze años de edad que aquellos dos ancianos verdes que corrigió? Novienta contava Heli, y mereció que le reprehendera sus descuydos el niño Samuel. Ni quiere Dios recibirle por escusa à Geremias (4) de hurtarse à la dignidad, y empleo de Embaxador suyo*

<sup>37</sup> “O tio egresso e o sobrinho bacharel”, 55-56.

<sup>38</sup> A este propósito, cfr. *Diccionario Histórico de la Compañía de Jesus*, p. 1571.

<sup>39</sup> Sobre os tratados emblemáticos de Garay, extremamente bem sucedidas no seu tempo, veja-se a análise e avaliação de A. Bernat Vistarini, que conclui: “son dignos de ser leídos y de que se los incorpore a la exígua nomina de pleno derecho de la emblemática jesuítica española”, in Vistarini 2000, sobretudo 64-67. Soares (1991-1992): 401 sgg.

el dezir que era todavia muchacho, que niño puede ser, y ser cabal. *De doze años Salomon* fue ya prodigio en aquella tan celebrada sentencia de las dos madraes, y oxalà hubiera sido quando ya viejo tan cuerdo. Que portentos no hizo el mancebito David? Muchos siglos de prudencia syncopó Santa Inez, dize Ambrosio, (5) en solo doze años de edad... Los Romanos, que veneraron tanto las canas, atendieron, dize Tacito, (6) en el repartir los oficios, no a la edad, si al valor...<sup>40</sup>

(4). *Noli dicere quia puer ego sum. Hierem. cap. 1.*<sup>41</sup>

[...] Pero ello es condicion suya [de certos velhos intolerantes], asquear todo quanto dizen los otros, solo porque ellos no lo dixeron. Vosotros no sabeis cosa, dezia aquele infame viejo Caifas; (16) y consta que lo que èl les dixo, era lo que ellos avian dicho antes que èl. Porque, pues, se há de despreciar tanto la mocedad, si solo son indices de la edad, (17) no de la prudencia las canas? [...] Preciendo de las demas prendas, y respeto siempre la ancianidad venerable, por sus virtudes, y ciencias [...]. Seneca parece que lo tocà, quando dixo (27) que no avia cosa mas torpe, que una vejez cargada de años, que no tiene mas argumentos de su larga vida, que su edad.<sup>42</sup>

(16) *Vos nescitis quidquam. Ioann. Cap 11*

(17) *Cani, indices aetatis, non prudentiae. Menander*

(27) *Nihil turpius est quam grandis natu senex, qui nullum aliud habet argumentum quo se probet diu vixisse, propter aetatem. De tranquil. Vit. cap. 3*

Saltam à vista, além das escolhas do sobrinho no meio da panóplia de *exempla*, a atribuição a Cícero de uma frase de Menandro e a interpretação abusiva do episódio de Caifás, que não se dirigiu especificamente a jovens; mas também a cópia de imprecisões de Garay, como a identificação de Valério Corvo, que não Corvino, e a adaptação da citação de Séneca, não correspondente à versão original do estoico<sup>43</sup>.

Na espécie de gradação que seguimos ao longo deste breve ensaio, da citação à sentença, passando pelo *exemplum* e chegando ao emblema, encontra-se um pouco do quanto Camilo Castelo Branco e a sua geração de românticos

<sup>40</sup> *El Sabio Instruido de la Naturaleza*, 34, itálicos meus.

<sup>41</sup> Na obra original estas notas aparecem ao lado do texto. Só são reproduzidas as pertinentes neste contexto.

<sup>42</sup> *El Sabio Instruido de la Naturaleza*, 35-36.

<sup>43</sup> A este propósito, cfr. M<sup>a</sup> José Lopes, “«Não sabem latim!»: a disputa pela *auctoritas* da Antiguidade Clássica num texto do jovem Camilo Castelo Branco”. In Cristina Pimentel e Paula Morão (Editoras), *A Literatura Clássica ou os Clássicos na Literatura: Presenças Clássicas nas Literaturas de Língua Portuguesa*, volume IV. Lisboa: Húmus, 193-205.

aproveitaram a herança clássica, instilada pela educação tradicional que receberam. Assim enriqueceram a expressão de sentimentos e ideias típicos do seu tempo, mas afinal comuns, *mutatis mutandis*, a todos os tempos. A inexorável veia irónica do grande romancista levou-o a manter perante esse legado uma atitude de auto e heterocrítica constantes, enriquecendo com mais camadas de significado a já de si riquíssima “Verdade do vivido”, que caracteriza o seu universo tão *sui generis*.